



EXTRACTO DA REVISTA DE ENGENHERIA MILITAR

---

# CARTEIRA DE UM AFRICANISTA

(EXCERPTO)

## APONTAMENTOS

SOBRE

# AS FORTALEZAS DE S. THOMÉ E PRINCIPE

POR

HENRIQUE C. S. BARAHONA E COSTA

CAPITÃO DE ENGENHERIA

Antigo director de Obras Publicas do Ultramar

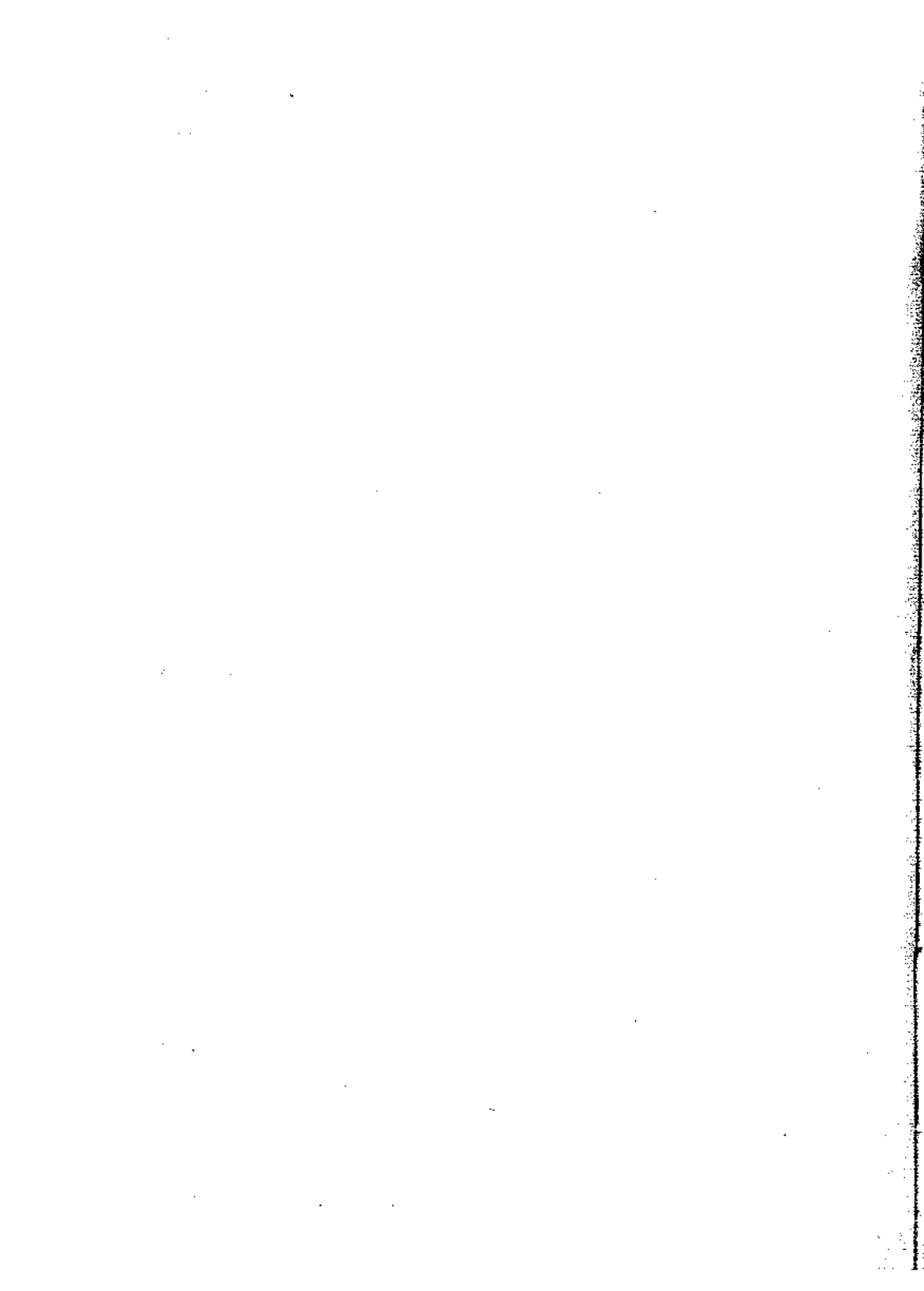


LISBOA

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO  
R. da Oliveira, 10 (ao Carmo)

1910

0.57656



# CARTEIRA DE UM AFRICANISTA

---

## APONTAMENTOS

SOBRE

### AS FORTIFICAÇÕES DE S. THOMÉ E PRINCIPE

---

Apoz mais de quinze annos de serviço effectivo em Africa, como engenheiro, trouxe-me o Destino á florescente colonia de S. Thomé, perola do Atlantico, pela sua belleza e exuberante fecundidade, e que poderia possuir a mais bella cidade, como possui uberrimos terrenos, se uma parcella do muito com que tem acudido ás colonias irmãs, fosse dispendida, com criterio, em sanear e embellezar a sua capital.

Não tem S. Thomé avenidas, praças amplas, um jardim digno d'este nome, nem sequer um unico edificio, publico ou particular, que mereça a pena de ser citado ou visitado. Apenas a fortaleza de S. Sebastião, como monumento historico, e por se encontrar em bom estado de conservação, merece ao *touriste*, amator de antiguidades, uma rapida visita.

Como as restantes fortalezas construidas n'estas ilhas, a de S. Sebastião deveu a sua existencia, ao receio dos corsarios que, nos seculos XVI e XVII, infestavam estes mares.

Foi em 1566 e por ordem expressa de El-Rei D. Sebastião, que o capitão corregedor de S. Thomé, Francisco



incursão que os corsarios francezes fizeram na ilha em 1567, quando as referidas obras ainda estavam em inicio. Os corsarios causaram então grandes prejuizos aos habitantes de S. Thomé, mas não se riram com a proeza, porque, a breve trecho, cahiam muitos victimados de doenças



Lapides, escudo e corôa que encimam a porta da fortaleza de S. Sebastião  
(S. Thomé)

subitas, provocadas pelo envenenamento das aguas e do vinho de palma; estratagem a que os de S. Thomé recorreram para se verem, como viram, livres dos seus invasores.

Os moradores da cidade de S. Thomé, concorreram para o acabamento da fortaleza, como se reconhece da lapide que reproduzimos n'este croquis, lapide que encima a porta de entrada da mesma.

A fortaleza de S. Sebastião, como mostram as gravu-













ção que apresenta Anna Chaves como uma senhora de alta estirpe, filha natural de Rei, segundo umas versões: dama camarista da Rainha, segundo outras versões, e seguindo estas, teria razão nos ciúmes da mesma Rainha o homisio da grande dama n'estas paragens, onde a munificencia regia lhe concedeu muitas terras, para a compensar do degredo.

Seja como fôr, Anna Chaves deixou indeleveis traços da sua existencia na colonia, onde espalhou o bem a mãos largas, creando e subsidiando diversas instituições religiosas e de caridade.

Terminando este parenthesis que nos ia afastando do nosso assumpto principal, direi ainda que o conhecido publicista sr. Almada Negreiros, sendo administrador do concelho de S. Thomé, officiou em 14 de setembro de 1899 a secretaria geral, propondo que se removesse da capella de S. João, a urna funeraria de pedra que encerrára os restos de Anna Chaves, prevendo (o que succedeu) que um dia seria despedaçada.

O despacho que obteve, foi o classico «Esperado» com que a indolencia, talvez derivada d'este clima depauperante, tem inutilizado tantas iniciativas...

N'este logar cumpre-me agradecer ao respeitavel official da secretaria de S. Thomé, o sr. Thomaz Jorge, os preciosos apontamentos e informações que me forneceu sobre a transladação de Anna Chaves e sobre outros assumptos dispersos n'estes apontamentos. O sr. Thomaz Jorge, habita a colonia ha 17 annos e á sua patriótica intervenção, se deve não ter sido mutilada a porta da fortaleza de S. Sebastião.

Até 1586, a auctoridade superior da ilha de S. Thomé tinha o titulo de capitão-corregedôr. Em 1586 passou essa auctoridade a chamar-se capitão-governador, sendo Francisco de Figueiredo o primeiro despachado com este titulo.

Havia já então na ilha uma forte tribu insubmissa e guerreira, conhecida pelo nome de *Angolares*, que proveio dos seus membros descenderem de uns escravos de

Angola que se salvaram a nado, perto da costa, do navio que os conduzia e que naufragou n'umas pedras.

Estes escravos, depois de terem raptado as mulheres, para o que fizeram sortidas sobre as fazendas proximas, propagaram-se com facilidade e foram, n'essa epocha remota, o terror dos habitantes de S. Thomé, chegando-se a conceder a commutação de degredo aos condemnados empregados na guerra do matto contra os taes rebeldes.

Em 1574, houve uma grande sublevação d'esta gente e, por essa epocha, organisaram-se em S. Thomé os terços de *ordenanças*, tropas com que se conseguiu dominar o levantamento. A guerra continuou porém no matto, pois os *Angolares* faziam frequentes assaltos ás roças ou engenhos, para adquirem as mulheres que lhes faltavam.

D'ahi resultou que os terços de *ordenanças*, que primeiro haviam sido organisados como medida transitoria e de occasião, tomaram um character de milicia permanente em toda a ilha. Estes terços de *ordenanças*, eram constituídos por degredados da metropole, a quem um decreto de Philippe I (20 de março de 1593) commutava o degredo, n'este serviço militar.

Pelo meado do seculo xviii, crearam-se dois regimentos de milicias, um para guarnição de S. Thomé e outro para guarnição da ilha do Principe. Creou-se tambem um batalhão de milicias chamado das villas (Sant'Anna, Trindade, Guádalupe, Magdalena, Santo Amaro, etc.).

O effectivo de cada um d'estes regimentos, no estado completo devia ser o seguinte:

#### ESTADO MAIOR E MENOR

- 1 coronel ;
- 2 tenentes-coroneis ;
- 1 major ;
- 2 ajudantes ;
- 1 quartel-mestre ;
- 2 porta-bandeiras ,
- 1 tambor-mór ;
- 2 pifanos.

## PESSOAL DAS COMPANHIAS

9 capitães ;  
 9 1.<sup>os</sup> tenentes ;  
 18 2.<sup>os</sup> tenentes ;  
 9 1.<sup>os</sup> sargentos ;  
 18 2.<sup>os</sup> sargentos ;  
 9 furrieis ;  
 72 cabos ;  
 72 anspeçadas ;  
 9 tambores ;  
 864 soldados.

Os milicianos eram obrigados a auxiliar, no serviço ordinario das guarnições, as companhias de tropa paga que passaram a constituir duas baterias de artilheria, uma em S. Thomé e outra no Principe. O effectivo de cada uma d'estas baterias, no estado completo, devia ser o seguinte :

1 capitão ;  
 1 1.<sup>o</sup> tenente ;  
 2 2.<sup>os</sup> tenentes ;  
 1 1.<sup>o</sup> sargento ;  
 2 2.<sup>os</sup> sargentos ;  
 1 furriel ;  
 4 cabos ;  
 6 anspeçadas ;  
 2 tambores ;  
 60 soldados.

Além dos regimentos de milicias, havia um *batalhão de milicias das villas*, que servia para guarnecer as povoações espalhadas pela ilha de S. Thomé.

Este batalhão no estado completo, devia ter o seguinte effectivo :

## ESTADO MAIOR E MENOR

1 tenente-coronel ;  
 1 ajudante ;

- 1 quartel-mestre ;
- 1 porta-bandeira ;
- 1 tambor-mór ;
- 2 pifanos.

#### PESSOAL DAS 4 COMPANHIAS

- 4 capitães :
- 4 1.<sup>os</sup> tenentes ;
- 8 2.<sup>os</sup> tenentes ;
- 4 1.<sup>os</sup> sargentos ;
- 8 2.<sup>os</sup> sargentos ;
- 4 furrieis ;
- 32 cabos de esquadra ;
- 32 anspeçadas ;
- 4 tambores ;
- 384 soldados.

O mappa junto, mostra o effectivo d'este batalhão em 1860 e o seu estado de armamento e municiamento.

Como ali se vê, havia 22 cabos, 29 anspeçadas e 295 soldados no effectivo e dispunha-se apenas para esta tropa de 70 espingardas e 58 baionetas !

A respeito de cartucheiras, cinturões, patronas e mais correame, nada havia para amostra !

Segundo uma descripção feita por um governador, o soldado miliciano de S. Thomé e Príncipe, andava descalço e semi-nú: «Quando tem vestia não traz camisa, e muitos apenas conservam uma pequena parte do calção».

«Não são poucos os que andam com um bocado do collete e calção sem camisa, e com a patrona e boldrié sobre a pelle.»

Estes miseros milicianos, segunda a mesma testemunha, andavam sempre cheios de fome, mas sempre promptos para prestar serviço; montavam guarda na cidade, eram remadores nos escaleres do governo, carregavam madeiras e mais trabalhos faziam com a maior solitudine, e sem vencer nem sequer uma modesta razão de farinha !

**BATALHÃO DE MILÍCIAS DAS VILLAS**

Mapa da força do dito batalhão referido ao seguinte trimestre que decorreu desde 1.º de Julho a 30 de Setembro de 1860

	Estado maior ou menor							Praças das quatro companhias										Agregados							
	Tenente coronel	Major	Ajudante	Quartel-mestre	Porta-bandeira	Tambor-mor	Pifanico	Todos	Capitães	Tenentes	Alferezes	1.ºs sargentos	2.ºs ditos	Precintos	Cabos	Aspexçados	Tambores	Soldados	Todos	Major	Capitães	Tenente	Alferezes	Todos	
Quartel na Villa da Trindade na Ilha de S. Thomé, em 3 de outubro de 1860																									
Fazendo serviço	1	1	1	1	1	1	1	4	1	2	2	1	1	1	1	1	1	20	37	1	1	1	1	1	
Doentes																									
No hospital																									
No quartel																									
Presos																									
De concessão																									
Com licença																									
Sem licença																									
Ausentes																									
Estado effectivo																									
Faltam a completar																									
Estado completo																									
Companhia de Arma de S. João, adida ao batalhão																	15								
Differenças do ultimo mappa																									
Para mais																									
Para menos																									
Assentaram praça																									
Vieram com passagem																									
Recolheram de deserção																									
Tiveram baixa																									
Fizeram com passagem																									
Desertaram																									
Morreram																									

As differenças para menos na pessoa, provém de ter levado baixa de serviço, um sargento, um tambor e seis soldados, por assim o haverem requerido e terem completado o tempo de serviço marcado no regulamento para os corpos de milicias.

(a) FRANCISCO IGNACIO DA SILVEIRA  
Major commandante interino

DESIGNAÇÃO	Conta do armamento e canteiro											Munições			
	Bandeira municipal	Bicornetas	Bandeiras das ditas	Bandejeiras	Caixas de guerra	Cantinas	Cartucheiros	Correios de patrão	Chapins de peito	Espingardas	Martelinhos	Saco-d'água	Patronas	Varas	Cartuchos embalaços
Em bom estado	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	21	1	1	1	1
Em mau estado		5													
Incapazes															
Somma	1	6	1	1	1	1	1	1	1	21	1	1	1	1	1
Differenças do ultimo mappa															
Para mais															
Para menos															

(Cópia do original).

(a) SILVEIRA  
M. commandante



Os que estavam de guarda, só eram rendidos no fim de oito dias e então iam para as suas terras descansar 15 dias, que era a folga.

Os artilheiros não tinham ração de pão, nem recebiam fardamento e o seu magro pret era-lhes pago de 3 em 3 mezes, em ouro em pó «que reduzido a moeda de prata lhes trazia um prejuizo de 25 % ou mais.»

A eliminação das Milicias ou Batalhões nacionaes em S. Thomé, foi a meu ver um erro politico.

Argumentou-se é certo, com os interesses da agricultura, a que o serviço militar roubava centos de braços, e levados pelo nosso character impressionista, cedeu-se á pressão dos proprietarios e não se estudou a fundo a questão.

Hoje não ha milicias e os que n'ella podiam prestar optimos serviços, poupando á metropole pesados sacrificios, não dão o menor contingente de trabalho á colonia, vivendo alias na mais condemnavel ociosidade.

Perderam-se bons soldados, que o eram pelas qualidades que revelaram, e não se grangearam mais braços para a agricultura, pois continúa cada roceiro a importar de fóra, os serviçaes que emprega nas suas propriedades.

\*

\*      \*

Durante a dominação hespanhola, aos corsarios e piratas inglezes e francezes que infestavam as costas da ilha, veio juntar-se um novo perigo, constituido pelas esquadras hollandezas, que então procuraram apoderar-se de todos os nossos dominios ultramarinos.

Em 1600, foi a cidade de S. Thomé saqueada pela esquadra do almirante Van-der-Don. A fortaleza de S. Sebastião estava então guarnecida com uma companhia de gente paga — «de aventureiros» —, gente bisonha que de nada valeu á colonia, pois foi preciso que viessem tropas do reino para que os hollandezes fossem expulsos de S. Thomé.

Por essa epocha, houve tambem uma importante sedi-

ção promovida por um preto, chamado *Amador*. Tinha muitos proselytos e apaniguados o revoltado negro e soube aproveitar a occasião em que n'uma das lutas, bem frequentes, entre o governador (D. Fernando de Menezes) e o bispo, este acabou por excomungar o governador (1594) tirando-lhe todo o prestigio e auctoridade.

O preto Amador, proclamou-se então rei da ilha de S. Thomé; mas o seu reinado foi ephemero, pois, em 1596, foi preso e justificado.

Os colonos aterrados com as successivas calamidades que lhes dizimavam bens e vidas, fugiram em grande numero, uns para o Brazil e outros para a Metropole, abandonando os seus engenhos de assucar, de que já então se contavam bastantes, que produziam, annualmente, mais de 150 mil arrobas d'este genero.

S. Thomé jazia pois quasi abandonada quando, em 1641, os navios hollandezes novamente vieram assaltar a ilha, submettendo-a, depois de terem tomado a fortaleza de S. Sebastião, que encontraram quasi desguarnecida de tropas e de artilheria.

Assim que chegou a Portugal a noticia d'este revez, partiu para S. Thomé o capitão-mór Lourenço Pires de Tavora que, em 1642, bateu os hollandezes, obrigando-os a refugiar-se na fortaleza de S. Sebastião.

Em novembro de 1643, chegaram novas forças portuguezas á ilha de S. Thomé. Era um terço de infantaria, sob o commando de D. Filippe de Moura. Proseguiu o assedio á fortaleza, onde se refugiavam os hollandezes, com mais energia e, finalmente, em janeiro de 1644, foram os hollandezes compellidos a capitular.

Nas venerandas muralhas da fortaleza, do lado de terra, vêem-se ainda hoje os restos de balas de artilheria cravadas na expessura da muralha, e que provêm d'estas e d'outras lutas em que esteve empenhada a praça para o lado da cidade, quando aliaz o fim para que foi construida, foi bater, com seus fogos, o ancoradouro, protegendo as naus portuguezas contra os corsarios.

Os annaes de S. Thomé por esta epocha, são uma ca-

deia continua de dissensões entre os governadores, o Senado e as autoridades ecclesiasticas, por causa de conflictos de jurisdicção.

Um dos governadores que mais largo subsidio forneceu para este periodo de desordem, foi João Alvares da Cunha, que era um dos mais abastados moradores da ilha, e por morte do governador Jacintho Figueiredo de Abreu (1683) foi eleito governador pelos seus parciaes, apoz dissensões do Senado que ficou investido do mando. Formaram-se então dois partidos: um que acolhia e elegia o novo governador, outro que lhe fazia opposição.

E aqui temos novamente a fortaleza de S. Sebastião em evidencia, pois foi dentro das suas muralhas que se abrigaram, os que faziam opposição ao governador. Contavam talvez que novas adhesões viriam em seu reforço ao vel-os senhores da fortaleza, mas a tradição regista que, apoz curto bloqueio, tiveram de render-se.

Em 1687, foi substituido o governador João Alvares da Cunha por Antonio Pereira de Brito Lemos, que, do reino, viera acompanhado do desembargador Bento de Sousa Lima, o qual trazia do Rei o encargo de prender o ex-governador João Alvares da Cunha, servindo-se de algum stratagemma, pois era voz corrente que, á força, o não prenderiam.

Era então a fortaleza de S. Sebastião a residencia dos governadores, e n'uma das suas enxovias (que ainda hoje existem) foi realmente preso João Alvares da Cunha, depois de ter sido ardilosamente detido, quando visitava o novo governador que primeiro lhe fizera constar não haver ordem de o prender.

O ex-governador preso, foi transferido para Lisboa, onde esteve cinco annos no Limoeiro, sendo depois condemnado a degredo perpetuo, pena que foi commutada, vindo João Alvares da Cunha a morrer em S. Thomé.

Em 1696, tendo fallecido o governador, que era o general João Pereira de Sodrê, devia succeder-lhe João da Costa Mello, tenente general da ilha, por aquelle indicado para a successão. O Senado porém, que nesses tempos tinha

grande poder e influencia, oppoz-se a que João de Mello tomasse conta do governo da ilha e mandou metter este official, carregado de ferros, diz a tradição, n'uma enxovia da fortaleza de S. Sebastião.

Em 1709 os francezes invadiram a ilha de S. Thomé depois de se apoderarem da mencionada fortaleza e queimaram a cidade, o que lhes devia ser facil pois é costume antigo, que ainda hoje subsiste, construir as casas de taboado, rachado à cunha, a que chamam «*peralto*».

Em 1715, serviu a fortaleza de S. Sebastião de refugio ao capitão general Bartholomeu da Costa Ponte, que governava a colonia, desde 27 de junho d'aquelle anno.

O Senado da Camara promoveu uma sedição popular contra o governador e, se este se não refugia na fortaleza, decerto se não salvava.

A plebe sitiou a fortaleza e o governador deveu a vida ao facto de ter fugido por cima das muralhas, que ficam contiguas ao mar, para um escaler, que o levou a bordo de um navio inglez, que o repatriou.

Em 1744, tendo fallecido o Bispo e Governador da ilha D. Frei Luiz da Conceição, amotinou-se o regimento das ordenanças commettendo as maiores desordens e desacatos.

Os revoltosos foram presos na fortaleza e depois justicados.

Em 17 de novembro de 1797 chegou a S. Thomé o novo capitão-mór João Ferreira Guimarães. O provedor da fazenda real, que era presidente da camara, mandou prendel-o a bordo: Guimarães conseguiu vir para terra, mas foi logo preso e mettido na fortaleza de S. Sebastião.

Governava então a ilha de S. Thomé o virtuoso Bispo D. Frei Raphael de Castello de Vide, que, logo que soube d'estes factos, mandou restituir á liberdade o preso e investiu-o na capitania-mór.

Sobreveio um periodo de grande agitação e desintelligencia entre o Prelado, a Camara, o Governo e o povo d'esta colonia.

Por fim, chegou em 4 de agosto de 1779 o novo go-

vernador João Baptista e Silva, o qual, depois de tomar posse, conduziu pessoalmente á fortaleza e prendeu n'ella o capitão-mór João Ferreira Guimarães, dizendo que tinha ordem de Sua Magestade para assim proceder. Este curioso episodio é referido por Raymundo J. da Cunha Mattos, na sua curiosa chorographia historica, havendo a notar que Mattos foi testemunha presencial d'estes factos, pois era, ao tempo, commandante da fortaleza de S. Sebastião. E já que cito este curioso livro, que me forneceu farto subsidio para estes apontamentos, devo dizer que ao actual visconde de Pindella, nosso representante em Berlim, se deve a reproducção d'elle nas paginas do Boletim Official de S. Thomé, quando S. Ex.<sup>a</sup> governou esta Provincia.

Tivessem assim procedido muitos governadores do Ultramar e possuiriamos hoje copia de muitos documentos interessantissimos para a historia colonial, que o salalé tem devorado devido a uma condemnavel indifferença e desleixo.

\*

Alem da fortaleza de S. Sebastião, havia o forte de S. José, construido, em 1756, na ponta do norte da bahia Anna Chaves. Era este forte guarnecido com oito peças de ferro.

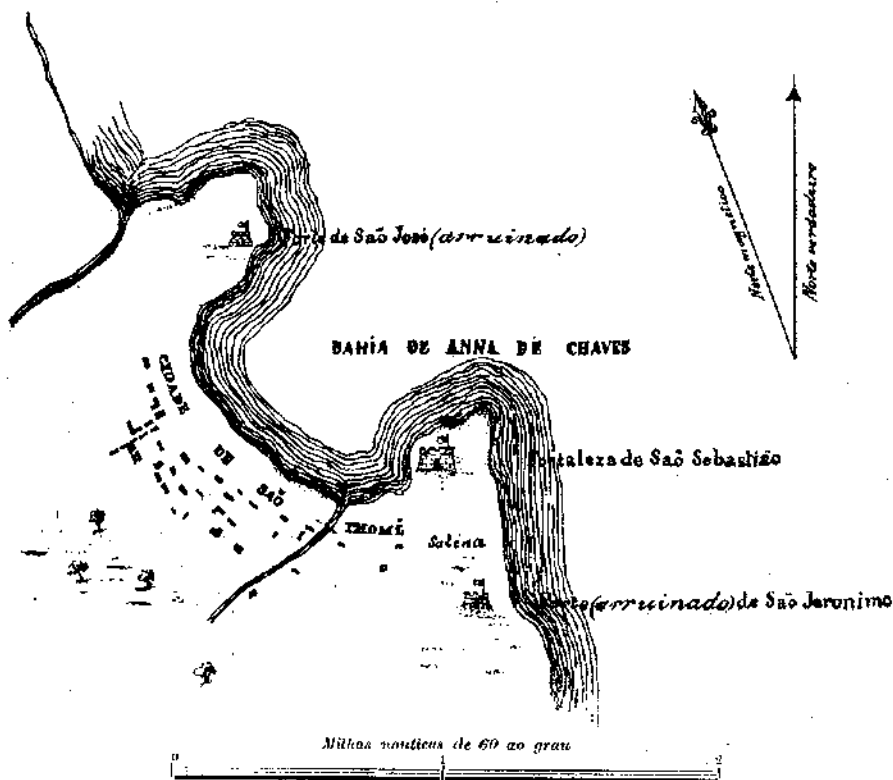
A fortaleza de S. Sebastião, tinha, por essa epocha, 32 canhões (hoje tem 27) estando o baluarte *Real* guarnecido com 6 peças de bronze e 3 de ferro; o baluarte de S. Sebastião com 4 peças de bronze e 5 de ferro; o baluarte de Sant'Anna com 2 peças de bronze e 5 de ferro e o baluarte de S. Thomé, com 9 peças de ferro.

O forte de S. José, cruzava os seus fogos com os da fortaleza de S. Sebastião e defendia o porto interior.

Alem d'estas fortificações, havia o forte de S. *Jeronymo* situada a um tiro de peça ao sul da fortaleza de S. Sebastião, e que fôra mandado construir, em 1613, pelo Bispo e governador D. Fr. Jeronymo de Quintanilha, obedecendo ás instrucções emanadas de Philippe III, para augmentar os meios da defeza da colonia.

O forte de S. Jeronymo que é um rectangulo de alvenaria, ainda está de pé, mas desmantelado e desguarnecido.

Do forte de S. José, restam apenas vestigios.



PLANTA DA BAHIA ANNA CHAVES indicando as fortalezas de S. Sebastião, S. Jeronymo e S. José

Na ilha do Principe havia a fortaleza de *Santo Antonio*, na *Ponta da Mina*, construída em 1695, por ordem de D. Pedro II.

Foi o capitão general José Pereira Sodré que recebeu

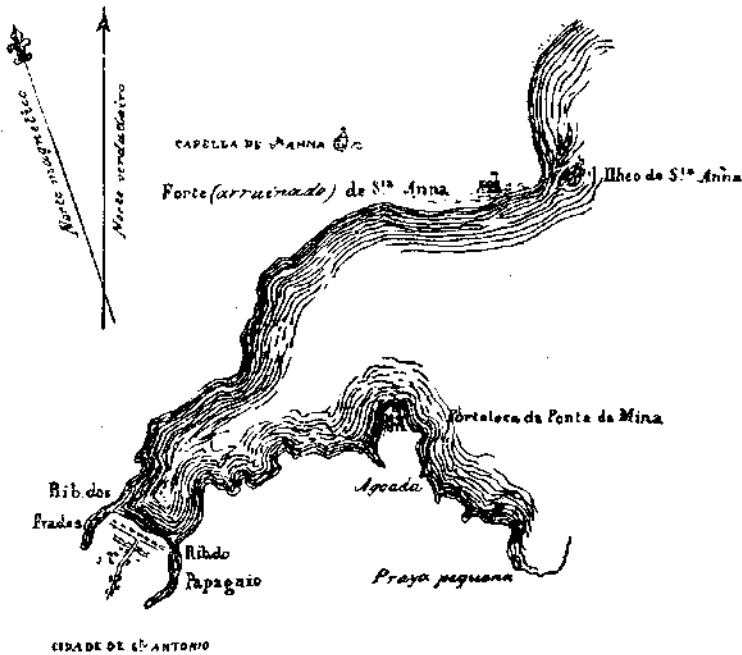






com a bateria de Sant'Anna (de que hoje restam vestígios). Esta bateria foi construída em 1780, pelo governador João Manoel de Azambuja.

Nas duas invasões que os francezes fizeram na ilha do Príncipe (1706 e 1799) obrigaram a fortaleza da Ponta da Mina a render-se, occupando uma eminencia de terreno visinho que domina aquella fortaleza.



PLANTA DA BAHIA DE SANTO ANTONIO indicando as fortalezas da Ponta da Mina e Sant'Anna

O governador Luiz Joaquim Lisboa fez fortificar essa eminencia, em 1807, com o reducto de Nossa Senhora da Nazareth, de que restam vestígios. Da segunda vez que os francezes assaltaram a ilha do Príncipe (29 de dezembro de 1799) commandava a respectiva divisão o capitão de mar e guerra Jean François Landolphe, que conhecia muito bem a ilha, por n'ella ter habitado, e até ali tinha filhos de uma preta.

A divisão naval franceza, era composta das fragatas *Concordia*, *Medea*, e *Franqueira* e do bergantim *Tartaro*.

A columna de desembarque, composta de quatrocentos homens, sob o commando do chefe de batalhão Lerck, fraccionou-se em duas, indo uma atacar a fortaleza da Ponta da Mina, e a outra atacar a cidade, que encontrou erma dos seus moradores.

Com effeito, á noticia do desembarque dos francezes, os habitantes da cidade de S. Antonio, refugiarão-se nos alcantilados montes e despenhadeiros que a rodeam. A ilha do Principe, achava-se então governada pelo coronel de Milicias, Manuel Monteiro de Carvalho e por Joaquim Pedro Lagrange, ouvidor geral interino da comarca. Mandaram estas auctoridades tocar a rebate, mas debalde. Na fortaleza da Ponta da Mina, só havia para a defender, o seu commandante, o 1.º tenente de artilheria Innocencio Duarte de Azambuja, o alferes Miguel de Faria Pinto, os cabos Nicolau Tristão e Antonio Gonçalves e o soldado Francisco da Costa.

Com tão reduzida guarnição, e com mau armamento e pessimo municiamto, foi facil a victoria aos francezes.

Diz uma testemunha do tempo: «Os governadores do Principe não tinham armas, nem munições, nem artilheria de campanha, nem tropa adestrada. Acrescia que os governadores não eram militares, que se o fossem podiam tirar enorme partido da orographia da ilha attraíndo os francezes ao interior d'ella e dizimando-os facilmente nos desfiladeiros».

E' certo que os francezes nos levaram 500 onças de oiro<sup>1</sup>, mas deixaram em escravos tomados aos inglezes, em dinheiro e em fazendas, mais de 80 mil cruzados, segundo a mesma testemunha. Os francezes não cometeram a menor crueldade nem insulto, na ilha do Principe.

A minguada guarnição da fortaleza da Ponta da Mina,

<sup>1</sup> Contribuição imposta aos habitantes da ilha.

sahiu d'ella com todas as honras da guerra. Os officiaes conservaram as suas armas e poderam retirar-se da ilha com suas familias.

\*

\* \*

### Fortaleza de Ajudá

Em 1680, observando o principe regente D. Pedro II, que os portuguezes não conservavam nenhum estabelecimento na costa da Mina, apesar de a terem descoberto, enviou a S. Thomé a nau *Madre de Deus* e a fragata *Santa Cruz*, com tropa, artilheria e munições, e ordem para se construir no porto de Ajudá uma fortaleza, que Jacintho de Figueiredo d'Abreu e Bernardino Freire fizeram realmente ali construir, n'aquelle mesmo anno.

Em 1690, fundou-se a *Companhia de Cacheu e Cabo Verde* e tendo estabelecido o entreposto do seu commercio na ilha do Principe, em 1696, fundou algumas feitorias no golfo da Guiné, e tomou a seu cargo correr com as despezas da fortaleza de Ajudá, para o governo da qual nomeou *Directores*, nome que se conservou ao cargo, mesmo depois da extincção da *Companhia*.

A guarnição do forte de Ajudá, passou depois a ser paga pela praça da Bahia de todos os Santos.

Com a separação do Brazil em 1824, ficou o presidio de Ajudá quasi abandonado, indo a guarnição retirando a pouco e pouco, até que por fim (1843) só ali havia um almoxarife e um ex-tambor, que servia de condestável da fortaleza.

Em 1844, o governador de S. Thomé José Maria Marques, mandou um official tomar conta do forte de Ajudá.

Até ao fim do seculo xviii, a guarnição d'este forte era de 60 soldados (angolas) que venciam de pret 27500 réis

---

1 Governadores de S. Thomé.

por mez. Commandava-os um tenente, que vencía 200 mil réis por anno.

Hoje o destacamento que guarnece o forte de Ajudá, é constituído por 12 praças (angolas), 1 sargento e 1 official subalterno. Este destacamento, é rendido de dois em dois annos.

\*

\* \* \*

Terminando estes apontamentos, seja-me licito, embora o assumpto divirja um pouco do que tenho até aqui tratado, chamar a attenção para as magnificas madeiras que se estão perdendo nas ilhas de S. Thomé e Príncipe e que, d'aqui a alguns annos, terão desaparecido por completo.

N'uma revista de engenharia, não são descabidas estas considerações.

Percorri já uma grande parte das ilhas de S. Thomé e Príncipe. Assisti a algumas derrubadas das florestas (*Óbós*) que ainda ali se encontram, e vi como se deixam destruir, sem o mínimo aproveitamento, milhares de magostas arvores de preciosas madeiras.

Apenas na roça *Agua Izé*, notei que se aproveitavam as madeiras, para o que se installou uma boa machina de serração.

Nas restantes roças que visitei nos Angolares, os proprios roceiros me diziam que não podiam aproveitar, de fórma alguma, as valiosas madeiras, pela difficuldade de as transportar ao littoral.

Os colossaes troncos de pau azeitona, cedro (*gogó*), socopira, viro, amoreira, etc., jazem onde caem, até que os multiplos agentes de destruição, que aqui sobram, se encarreguem de os fazer desaparecer!

Apenas, quando uma arvore cae atravez de uma estrada qu caminho, lhe cortam a parte que faz estorvo á viação.

E a acção destruidora do clima, e dos mil insectos vo-

razes, é tão energica, que, em pouco tempo uma arvore magestosa, fica reduzida a um monte de poeira.

Não somos exagerados, asséguando que assim se tem perdido madeira, que, nos mercados da Europa, valeria muitos centos de contos de réis.

E não se pensa em mudar este estado de coisas e o machado vae atacando as ultimas florestas...

S. Thomé, maio de 1910.